

ATA DA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA CRTT Oeste

Apresentação da Proposta de alteração de circulação das Ruas Divisa Nova e Campina Verde-Salgado Filho

Reuniram-se, em ambiente virtual, a partir das 19 horas, através da plataforma Zoom, aos nove dias de Setembro de 2025, Claudio José Soares Mendes/Núcleo de Mobilização Social-SUMOB, Deryan Junkert/Núcleo de Mobilização Social-SUMOB, Péricles, Simbera Santos-Gerente GARBO-BHTRANS, José Renato de Oliveira- Analista GARBO-BHTRANS, Silmara Silveira-Administração Regional Oeste-ADRE-O, os CRTTs Oeste listados em anexo e o público externo constantes na lista de presença anexa.

A pauta da Reunião Extraordinária da CRTT Oeste foi a Mudança de Circulação das Ruas Divisa Nova e Campina Verde-Salgado Filho. Prevista para às 19h a reunião foi iniciada por Claudio José Soares Mendes que apresentou os representantes da PBH, BHTRANS e SUMOB.

Claudio Mendes (Coordenador SUMOB) declarou o início da reunião extraordinária para apresentação das propostas de alteração de circulação das ruas Campina Verde e Divisa Nova, no bairro Salgado Filho. Cumprimentou a todos e explicou que se tratava de uma reunião da Comissão Regional de Transportes e Trânsito da Regional Oeste, um órgão consultivo e opinativo existente desde 1994 em todas as regionais de Belo Horizonte, responsável por trazer as demandas da comunidade para a BHTRANS e a Prefeitura. Esclareceu que toda mudança de circulação, alteração de itinerário de ônibus ou similar passava necessariamente pela aprovação da comunidade impactada através de reuniões como aquela. Detalhou a dinâmica: José Renato apresentaria a proposta gráfica (ainda não definitiva) de mudança de sentido das vias, haveria espaço para perguntas e, sanadas as dúvidas, procederiam à votação por maioria simples (50% + 1 dos votos). Se aprovada, a proposta seguiria um calendário próprio de estudos, maturação e implantação. Pediu então a Silmara para abrir oficialmente a reunião.

Silmara (Representante da Administração Regional Oeste) cumprimentou a todos os presentes, agradeceu a participação e fez um agradecimento especial a Eliana e Geraldo, a quem tinha grande carinho. Desejou que Deus abençoasse os trabalhos e que fossem escolhidas as propostas melhores para todos.

Péricles (Gerente GARBO) agradeceu a presença de todos por reservarem tempo para participar das decisões de sua região. Salientou que a proposta era da comunidade e que aquele era um dos momentos mais democráticos de Belo Horizonte, onde o munícipe escolhia o que entendia ser melhor para si. Desejou uma boa reunião a todos e que escolhessem de acordo com o maior benefício para o trânsito na região. Apresentou os CRTs (membros da Comissão) presentes: Geraldo Melo, Maurício, Rosemeire, Jânio e Célia Alves, cada um representando um território.

José Renato (Analista BHTRANS) iniciou a apresentação das duas demandas, uma mais antiga e outra mais recente. Começou pela Campina Verde, um quarteirão próximo ao Batalhão de Choque da Polícia Militar. Explicou que a proposta era implantar mão única na Rua Campina Verde, entre as ruas Veríssimo e Conselheiro Pires da Mota, no mesmo sentido da circulação única que já existia em parte da via. O objetivo era organizar os fluxos, melhorar a segurança na travessia, reduzir o movimento nos cruzamentos e facilitar a circulação de viaturas grandes do batalhão, como os blindados, que tinham dificuldade de manobra. A proposta incluía o uso do estacionamento em ângulo de 45 graus em frente ao batalhão, que era pouco usado e ficaria mais amplo e organizado com a mão única, beneficiando também frequentadores da igreja e da escola próximas.

Claudio Mendes interveio para confirmar que fariam uma votação única para as duas ruas. José Renato confirmou e perguntou se havia dúvidas.

Péricles, complementou a apresentação. Explicou que nos dias de jogos ou eventos, a utilização da rua em mão dupla ficava muito difícil porque os militares, todos empenhados, precisavam parar os carros, causando um grande transtorno. A proposta visava melhorar a fluidez e a segurança naquele quarteirão.

José Renato acrescentou que a igreja parecia ter ficado intimidada para usar as vagas de estacionamento em frente ao batalhão, mas o comandante já havia autorizado o uso por qualquer pessoa.

Claudio Mendes pediu que ninguém saísse da sala antes do fim da apresentação das duas propostas, pois a votação seria única.

José Renato passou então à proposta da Rua Divisa Nova. Explicou que inicialmente havia um transtorno no primeiro quarteirão próximo à Teresa Cristina, mas que parecia ter sido melhorado e não havia mais reclamações. Antigamente, sem o semáforo no retorno da Teresa Cristina, havia dificuldade para entrar à

direita, mas com o fluxo inteligente do semáforo isso se resolveu. A opção proposta foi colocar a Divisa Nova no sentido da Teresa Cristina para a Lagoa da Prata, em função do sentido já estabelecido na Campina Verde. Sugeriu que o último quarteirão, próximo à Lagoa da Prata (o mais movimentado, com estacionamento nas vias transversais), poderia permanecer em mão dupla com estacionamento proibido de um lado, decisão que ficaria a cargo da BHTRANS. Explicou que a rua não era de atravessamento, mas de acesso para quem vai para a Lagoa da Prata ou parte do Salgado Filho.

Abertas as falas registra-se:

Thiago Guedes (Major, Subcomandante do Batalhão de Choque) pediu a palavra. Cumprimentou a todos e explicou que a demanda pela alteração na Campina Verde surgiu com a vinda do batalhão para o local. Com quase trezentos militares e previsão de chegar mais, o estacionamento interno era insuficiente para a quantidade de viaturas, incluindo micro-ônibus e dois blindados (maiores que caminhões de lixo). A alteração facilitaria a rotina e traria mais segurança para a operação desses veículos grandes, principalmente nas curvas, evitando que esbarrem em outros carros. Também ajudaria no uso do estacionamento em ângulo de 45 graus, deixando a rua mais ampla e facilitando para os militares, frequentadores da igreja e pais que buscam os filhos na escola. A proposta visava facilitar toda a rotina, que atualmente ficava muito apertada, obrigando veículos a darem ré frequentemente. Declarou-se a favor da proposta e agradeceu a oportunidade.

Ana Paula Mendes de Souza (Moradora) manifestou-se questionando sobre a Rua Divisa Nova: se a proposta era torná-la toda mão única, subindo no sentido Teresa Cristina/Lagoa da Prata, ou apenas parte dela. Relatou trânsito intenso de caminhões durante a manhã, saindo da Teresa Cristina sentido Lagoa da Prata, incluindo caminhões de lixo. Alertou para a perigosidade da rua, que é muito íngreme (cerca de 30 graus de inclinação), o que causa transtorno, com caminhões às vezes voltando por não conseguirem subir. A falta de visibilidade para quem sobe ou desce era crítica. Sugeriu que o sentido fosse único para “descer”, da Lagoa da Prata para a Teresa Cristina, pois isso evitaria a subida dos caminhões pesados, que poderiam usar a Maggi Salomão (mais larga, plana e com semáforo). Citou o cruzamento perigoso com a Rua Carmelita Prates, com histórico de acidentes e travessia de crianças devido a uma escola próxima.

José Renato respondeu que a proposta foi baseada no que já existia na região, com a Campina Verde sendo mão única descendo.

Ana Paula insistiu que o grande problema era o fluxo de caminhões subindo a rua íngreme.

Péricles interveio para explicar a escolha técnica pelo sentido de *subida*. Argumentou que colocar a rua para descer, sendo ela íngreme, aumentaria a velocidade dos veículos, trazendo insegurança. No sentido de subida, as pessoas seriam obrigadas a reduzir a velocidade naturalmente. Além disso, era necessário uma via descendo para criar um binário. O fator segurança foi preponderante na decisão.

Ana Paula reconheceu a lógica do argumento da velocidade, mas reiterou sua preocupação com os caminhões. Sugeriu que analisassem a proibição do tráfego de caminhões naquela via, direcionando-os para a Maggi Salomão, que tinha estrutura melhor (semáforo, redutor, travessia sinalizada). Também sugeriu melhorias na sinalização, como um estrangulamento de calçada e a pintura de faixa de pedestre no cruzamento com a Carmelita Prates, que sequer era asfaltado.

Eliana Silveira (Moradora) pediu a palavra. Em relação à Campina Verde, contestou a afirmação de que era permitido estacionar em frente ao batalhão, relatando que já foi ameaçada de ter o carro rebocado quando parou lá para ir à missa. Disse que a mão única naquela área já era uma realidade informal à qual todos já estavam adaptados, portanto não era novidade. O verdadeiro problema, segundo ela, era a falta de vagas para estacionar para ir à missa. Sobre a Divisa Nova, defendeu veementemente que fosse mão única “subindo”, da Teresa Cristina para cima, pois a rua é muito usada como acesso ao Jardim América e outros bairros, e o trecho entre Carlos Prates e Teresa Cristina precisava ser mão única. Criticou a preferencial da Carlos Prates, que considerou inadequada para a nova realidade do bairro. Denunciou a perigosidade do cruzamento da Divisa Nova com a Campina Verde e com a Lagoa da Prata, onde não há faixa de pedestre, “pare” ou sinalização adequada, relatando que sua filha sofreu um acidente com uma moto que veio na contramão. Defendeu que a Divisa Nova fosse mão única até acima e a Carmelita Prates (que já é mão única) para descer.

Joana Mourão (Moradora) manifestou-se, entendendo a colocação de Eliana, mas defendeu a possibilidade de a Divisa Nova ser mão única para *descer*. Isso evitaria a subida de caminhões de lixo e outros veículos pesados que ficavam “agarrados” no primeiro quarteirão íngreme. Eles poderiam retornar e pegar a Maggi

Salomão, uma avenida larga e plana que comportaria bem o fluxo. Caso não fosse possível, sua opinião era que fosse mão única para cima, mas a preferência era para descer, evitando o trânsito pesado desses caminhões.

Liliane (CRTT) Relatou ter familiares na Nova Ponte e próximo à Carmelita Prates, e que sua mãe foi professora do Colégio Salgado Filho, onde ela mesma estudou. Questionou José Renato sobre a situação das calçadas na esquina da Maggi Salomão com a Lagoa da Prata, que, como cadeirante, ela considerava intransitáveis, obrigando-a a arriscar a vida indo pela rua. Também questionou a falta de uma faixa de pedestre em frente à igreja São João Batista e o estado do pavimento em frente ao posto de saúde (se era paralelepípedo), que seria muito complicado para sua cadeira de rodas. Agradeceu a recepção, justificando seu atraso devido às dificuldades do transporte público para cadeirantes em BH.

Jânio (CRTT) fez uma sugestão: estudar a possibilidade de realocar a van do Batalhão para a praça de baixo, o que liberaria a rua para a igreja e resolveria a questão do estacionamento. Também comentou sobre a presença de uma pessoa em situação de rua que havia "tomado conta" do ponto de ônibus em frente à igreja, uma questão de política pública.

Geraldo Araújo (Morador) opinou que nunca conseguiriam impedir os caminhões de subirem para a SLU. Defendeu que o ideal seria que pelo menos o quarteirão das oficinas de embreagem fosse apenas para subir, pois para descer a velocidade seria muito grande e perigosa, com risco de caminhões caírem. Sugeriu que o primeiro quarteirão fosse para subir e o segundo (até a Lagoa da Prata) permanecesse em mão dupla, pois o fluxo era menor. Criticou a existência de placa de "pare" na Divisa Nova, defendendo que ela deveria ser preferencial. Sobre o estacionamento do batalhão, confirmou que havia problemas, com cones impedindo o estacionamento, e que isso precisava ser resolvido com a comunicação de que era permitido parar.

Ricardo (Morador) conhecendo bem as duas situações, falou primeiro da Campina Verde. Contou que participou de reuniões com a regional, o padre Alexandre e o comando do batalhão. Justificou a necessidade das vagas de estacionamento e da mão única, explicando que nos dias de jogos (domingos com missa mais cheia) e com os dois blindados ("caveirões"), o batalhão precisava de mais espaço para manobrar. O medo deles era danificar os carros de quem estivesse estacionado quando precisassem sair rapidamente. A ideia de regularizar o estacionamento e a mão única surgiu dessas reuniões, foi testada e aprovada pelo padre e pelo batalhão, e agora precisava ser oficializada. Sobre a Divisa Nova, concordou que o trecho próximo à Carmelita Prates precisava de sinalização, pois era muito perigoso e com muitos acidentes, principalmente com motos cortando os ônibus. Defendeu a mão única para *subir*, mas com consciência de que não precisaria proibir os caminhões, pois seu tráfego não era constante o dia todo (só de manhã e final da tarde) e os comerciantes locais dependiam deles para carga e descarga. Pediu apenas sinalização mais coerente.

Wanderson (Morador) fez um esclarecimento geral: toda alteração de circulação vem acompanhada de uma revitalização completa da sinalização. Após a implantação, há um período probatório (cerca de três meses) de acompanhamento e ajustes, onde avaliam o que precisa ser melhorado ou agregado. Portanto, todas as sugestões de melhoria de sinalização seriam contempladas e avaliadas durante esse período.

Vanessa (Moradora) entendeu a sugestão de proibir caminhões na Divisa Nova, mas acreditou que a mão única por si só já traria tranquilidade, pois evitaria o congestionamento de carros parados dos dois lados. O caminhão de lixo poderia subir normalmente, mas se gerasse transtorno, aí sim poderiam pensar em placas de proibição e desviá-los para a Maggi Salomão.

Ana Paula (Moradora) retomou o tema, defendendo seu voto pela proibição de caminhões subindo, direcionando-os para a Maggi Salomão, que tinha estrutura melhor. Isso restauraria a segurança da rua, principalmente por causa da escola e das crianças. Apoiou as melhorias de sinalização.

Deryan (Funcionário SUMOB/BHTRANS e morador do Salgado Filho)** identificou-se como morador antigo do bairro. Defendeu a proibição do trânsito de caminhões, mas ponderou que eles precisam acessar a SLU de alguma forma. Acreditou que a mão única na Divisa Nova (no trecho entre Carlos Prates e Teresa Cristina) já resolveria bastante o fluxo, fazendo com que muitos caminhões passassem a subir pela Maggi. Como a via seria de subida, os caminhões não imprimiriam tanta velocidade. Declarou-se a favor da mão única por mais segurança. Sugeriu ao Major Guedes que ajudasse a pacificar a questão do estacionamento e também orientar sobre o problema de ultrapassagens perigosas na Lagoa da Prata (faixa contínua), envolvendo talvez a fiscalização de trânsito.

Geraldo (Morador) opinou que o ideal seria a mão única subindo desde a Teresa Cristina até a Conselheiro Pires da Mota (integrando com a descida da Campina Verde), criando um binário (uma sobe, outra desce)

que facilitaria muito no dia de missa, evitando os congestionamentos.

Eliana Silveira (Moradora) voltou a falar, focando na questão do batalhão. Observou que os carros da polícia paravam muito próximos à igreja, ocupando primeiro o espaço que os fiéis usariam. Sugeriu que parassem do final da rua para cá, liberando o espaço perto da igreja pelo menos durante os horários das celebrações. Reiterou seu descontentamento com o fluxo intenso e perigoso na Divisa Nova.

Thiago Guedes (Major) deu uma última explicação. Esclareceu que o problema não era o estacionamento em si, mas a localização dos carros muito próximos às esquinas, o que impedia a manobra dos ônibus e veículos maiores do batalhão, principalmente nos dias de jogos (com cerca de 200 policiais). A aprovação da proposta melhoraria isso, pois os veículos não precisariam mais virar na rótula da igreja; seguiriam direto, descendo na rua de cima para acessar a Campina Verde. Reafirmou que todo o estacionamento de 45 graus estava disponível para a sociedade, mas em dias de jogos, com o efetivo chegando muito cedo (6h antes), os espaços já ficavam ocupados, sendo uma questão de rotina de eventos.

Findas as falas e esclarecidas as dúvidas foi iniciado o processo de votação:

Claudio Mendes iniciou o processo de votação, lembrando que apenas moradores e CRTs votavam (ele, como representante da BHTRANS, não votava). Pediu que as pessoas não identificadas se identificassem com nome completo e telefone.

Resultado da Votação:

Claudio Mendes declarou a proposta APROVADA por maioria, com apenas três votos contrários ("não").

Péricles agradeceu a todos mais uma vez, enfatizando a preocupação de todos com o comportamento do motorista, um componente crucial que, por vezes, a sinalização sozinha não resolve, sendo necessária educação e conscientização. Parabenizou a todos pelo exercício da democracia e afirmou que fariam o acompanhamento e os ajustes necessários após a implantação.

Silmara agradeceu a participação de todos e colocou a Regional Oeste à disposição para demandas via e-mail ou telefone.

Claudio Mendes finalizou esclarecendo como foi feita a divulgação da reunião: com folhetos colocados em postes e locais-chave em todos os bairros impactados das ruas Campina Verde e Divisa Nova, inclusive na igreja e em frente ao batalhão. Justificou a boa participação como prova da divulgação adequada e reafirmou o caráter democrático da decisão. Agradeceu a todos pelo comparecimento. Nada mais havendo a ser tratado, a reunião foi encerrada e a presente ata foi por mim lavrada.



Claudio Mendes

Núcleo de Mobilização Social – GEMSO/SUMOB